

Associação Brasileira de Antropologia Prêmio Claude Lévi-Strauss

Fernanda Priscila Alves da Silva – UNEB

Lívia Alessandra Fialho da Costa – UNEB

EM SALVADOR: CIRCULANDO, LADEIRANDO E DESCORTINANDO MUNDOS

RESUMO:

O artigo apresenta alguns dados parciais de uma observação de cunho etnográfico realizada em contexto de prostituição feminina, no Centro Histórico de Salvador - Bahia. A observação etnográfica junta-se às narrativas e memórias das mulheres que vivem e recontam suas trajetórias na prostituição. Acompanhamos o dia-a-dia e entrevistamos 10 mulheres de baixa renda, em exercício da prostituição de rua, todas entre 30 e 65 anos. Além deste grupo específico houve uma inserção e aproximação de outras mulheres, clientes, vendedores, familiares em bares, ruas, cines privês, unidades domiciliares, entre outros.

A prostituição aqui é entendida como uma prática social complexa, perpassada pela economia, cultura, política, sexualidade, moralidade, relações de gênero, não se esgotando, no entanto, nestes elementos, mas ultrapassando e recriando modos, interações e relações. A partir de informações de interlocutoras deste contexto pretende-se compreender as transições, movimentos e circulações das mulheres da *batalha* neste cenário. Estas transições estão constantemente marcadas por deslocamentos dos lugares ocupados pelas mulheres. Além disto, o estudo, ainda em andamento, pretende observar as interações, relações e formas de socialização que envolvem as mulheres e outros atores nos pontos da prática de prostituição. Os pontos de trabalho são atravessados por diversas formas e modos de organização da prostituição, o que aponta também a complexidade desta prática, entendida como mais uma das facetas do mercado do sexo, demarcando, portanto, sua multiplicidade de relações, modos, sentidos e significados.

As análises apresentadas fazem parte de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia– UNEB, iniciado em 2015 e que tem como título: “Mulheres em circulação: trajetórias, transformações e saberes no cotidiano da prostituição” e cujo objetivo é estudar as trajetórias de vida, socialização, transformação e saberes de mulheres no cotidiano da prostituição. Do ponto de vista conceitual, a pesquisa está ancorada em escritos/autores do campo da educação e da antropologia que refletem sobre sociabilidades, práticas educativas e dinâmicas urbanas.

Palavras- Chave: mulheres – prostituição – circulações

PRIMEIROS PASSOS DE UMA OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA

Os lugares, pontos, ladeiras, mundo (s) da prostituição são tantos e tão complexos: uma rede imensa, visível e invisível, tecida por diversos atores. As boates, hotéis, cines privê, bares, orla marítima, a rua trazem contornos próprios, para além do mercado do sexo. Estes espaços-lugares reproduzem histórias, encarnam memórias, delineiam sentidos e significados. As pessoas que ocupam estes espaços-lugares o inventam, reinventam, modelam e remodelam a cada dia. São cartazes, dizeres, músicas, sons, cheiros, perfumes específicos. São gritos, silêncios, ruídos, gemidos de gente bem concreta. Na Ladeira ou na orla marítima, no bar ou na Praça, cada local com sua marca, com gente que o marca e é marcada por estes *espaços-lugares*.

A pesquisa tem uma localização específica: estamos falando de Salvador, Bahia e, neste sentido, considerar os aspectos relacionados à forma como a cidade foi (e continua) sendo construída historicamente tem grande relevância, na medida em que possibilita compreender seu dinamismo, formas de organização da vida, as políticas, as culturas, aspectos sócio econômicos, dentre outros. Não é nossa pretensão fazer um estudo aprofundando do modo como a cidade de Salvador foi sendo construída, entretanto, interessamos, particularmente, visualizar as modificações e transformações ocorridas nesta cidade a partir do Centro Histórico. A escolha deste lugar tem sua importância, na medida em que permite que nós nos aproximemos do contexto e organização da prostituição neste *lócus*.

A partir da perspectiva de Milton Santos (2012) em *O Centro da Cidade de Salvador* vamos adentrar um pouco neste universo. O autor nos apresenta o centro da cidade a partir de um recorte espacial, realizando uma análise da construção histórica e geográfica, permitindo assim o reconhecimento dos diversos espaços neste contexto, espaços que ora são esvaziados, ora são ocupados, conforme a realidade sócio econômica, política e cultural e desse modo vai se reconfigurando e modificando. Para Santos (2012), o centro da cidade, neste caso, Salvador, reflete ao mesmo tempo as formas de vida atuais da região e da cidade, assim como reflete as formas de vida do passado da cidade.

De modo geral, o caso de Salvador é o das grandes cidades que marcam uma espécie de traço de união entre um mundo rural, a cuja vida preside e do qual ela comercializa os produtos, um outro mundo, industrializado, que lhe compra essas mercadorias. Essa constante da história urbana desde a fundação da cidade coloca em relevo o seu papel de porto, cuja atividade se reflete na diferentes etapas da valorização dos territórios; e, em última análise, é a principal responsável pela elaboração do organismo urbano (SANTOS, 2012, p. 29-30).

O surgimento da cidade de Salvador, em 1549, como capital da colônia aconteceu após o período em que houve a tentativa de ocupação do território através das Capitânicas Hereditárias. Salvador surge neste cenário com duas funções básicas: ocupar e proteger a colônia portuguesa na América e servir como porto de abastecimento do Atlântico Sul (Andrade & Brandão, 2009). Nos séculos XVII e XVIII, produziu-se um sistema aberto gerando riquezas expressas nas construções de igrejas, sobrados, prédios públicos. Como cidade portuária, o crescimento acontecia, pois através do porto a cultura da cana de açúcar se estendia. Santos (2012) pontua que Salvador, neste momento, exportava açúcar, utilizando-se do porto, mas também por meio dele eram realizadas as entradas de escravos, vindos de África. Na segunda metade do século XVIII, inicia-se um processo de decadência política e econômica da cidade. Andrade e Brandão (2009, p. 19) descrevem quatro aspectos para esta decadência: (1) transferência estratégica da capital para o Rio de Janeiro em 1763; (2) Forte concorrência externa- especialmente do Caribe – na produção mundial do açúcar; (3) café em terras do Paraná e São Paulo e (4) estabelecimento de leis que conduziram ao fim do tráfico negreiro.

No final do século XIX e início do século XX inicia-se a implantação de indústrias em Salvador, entretanto, como havia uma forte concorrência com o Rio de Janeiro e São Paulo, houve um período de estagnação econômica.

Durante o século XIX o crescimento da cidade e o alargamento de suas funções refletem-se principalmente na Cidade Baixa. Fazem-se novos cais sobre os aterros, para melhoria do porto. Esses aterros estendem a Cidade Baixa até o lado par da rua Miguel Calmon. O outro lado é ocupado pelo cais sobre esses aterros são construídos grandes imóveis de utilização comercial, sobretudo. No final do século, a introdução dos primeiros bondes a burro permite uma maior extensão do perímetro construído, e provoca migração da parte mais abastada da população, que abandona o centro, seja na sua parte alta como na parte baixa (SANTOS, 2012, p. 108).

Na segunda metade do século XX, a cidade de Salvador passa por grandes transformações espaciais. Com a implantação da Petrobras e a construção de complexos industriais (Centro Industrial de Aratu, em 1967 e Complexo Petroquímico de Camaçari, em 1976) surge um novo momento de crescimento para a cidade e sua região metropolitana (Andrade & Brandão, 2012). Para Santos (2012, p. 109): “o século XX é o das grandes transformações no centro. A introdução dos transportes mecânicos (o automóvel em 1901, o bonde elétrico em 1904) exige adaptação da velha estrutura urbana às novas necessidades”.

Espinheira (1971) realiza um levantamento sócio econômico com o objetivo de conhecer os problemas sociais e econômicos da área sul do Pelourinho, área que neste período

estava concentrada a prostituição. A importância deste trabalho se localiza na medida em que nos permite compreender o movimento da prática da prostituição no Centro Histórico. Fazendo uma delimitação da área, Espinheira (1971) mostra que a zona conhecida por Maciel é formada por duas ruas principais, que fazem o elo entre as praças do Terreiro de Jesus e José Anchieta com o Largo do Pelourinho.

O Maciel é a parte mais antiga do conjunto arquitetônico do Pelourinho, construída em sua maior parte no século XVIII, em circunstâncias de grande desenvolvimento e expansão da economia baiana. O Pelourinho era então, zona residencial mais nobre da cidade, morada dos homens de negócios, grandes comerciantes exportadores e importadores, senhores de engenho e altos funcionários da administração pública (ESPINHEIRA, 1971, p. 08).

Com a crise econômica afetando diretamente o desenvolvimento da cidade, nos anos posteriores esta realidade foi se modificando. Assim,

Levas de imigrantes, procedentes de cidades do interior e estados vizinhos chegaram a Salvador em busca de melhores condições de trabalho, ocupando as habitações existentes e concentrando-se nas zonas residenciais, em locais onde as populações de estratos econômicos mais baixos podiam depender de serviços prestados aos grupos economicamente mais elevados[...] O Pelourinho foi sendo gradativamente desocupado por seus moradores originais, que vendiam seus imóveis ou os arrendavam e comerciantes, transferindo-se para os novos bairros que surgiam, como os mais próprios para a residência, cujas construções se adequavam melhor às necessidades criadas pela crescente urbanização (ESPINHEIRA, 1971, p. 09).

A valorização de outras áreas da cidade acompanhadas da estabilização e deterioração, nos primeiros anos do século XX, levou a um processo irreversível de empobrecimento desta área. De um lado, a região norte do Pelourinho “foi ocupada por uma população de estratos econômicos médios”, de outro, ao sul do Convento e Igreja do Carmo, as “casas foram ocupadas e, seus pavimentos térreos por um pequeno comércio e artesanato – prolongamento das atividades comerciais da Misericórdia, Praça da Sé e Terreiro de Jesus” (Espinheira, 1979, p.10).

No Maciel, concentrava-se, portanto a prostituição deste período. Nos anos 1920, por exemplo, a comunidade do Maciel é marcada pela construção do grande meretrício. Segundo Espinheira (1971), “as prostitutas convergiam para o Pelourinho, por um lado, atraídas pelas condições sociais e econômicas da localidade, enquanto que, por outro lado, aí se estabeleceram compelidas pela ação policial dos órgãos encarregados dos costumes” (1971, p. 11).

No início da década de 1960, a cidade de Salvador apresentava o seguinte quadro com referência à localização de grupos prostitucionais: Barroquinha, rua Ruy Barbosa, Praça do Tesouro e adjacências, Ladeira da Praça, Praça dos Veteranos, rua 28 de Setembro e transversais, rua do Saldanha, rua da Oração, rua de São

Francisco, rua Mont'Alverne, Terreiro de Jesus, Praça Anchieta, Maciel e Largo do Pelourinho, Subida do Carmo, São Miguel, Julião, Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Gameleira, Ladeira do Pau da Bandeira, Preguiça, Ladeira da Misericórdia, além de outros locais onde a prostituição se fazia mais discreta (ESPINHEIRA, 1971, p. 12).

Espinheira observa que a concentração da prostituição nestes locais está relacionada às áreas desvalorizadas e às construções antigas. As ruas citadas acima se referem, portanto, a locais onde havia moradia das prostitutas. A partir do controle feito pela polícia em defesa dos costumes, há um deslocamento de alguns destes pontos. Assim,

O centro de Salvador ficou livre dessa prostituição extensiva, enquanto que em determinadas residenciais, as comunidades prostitucionais cresciam constituindo polos de segregação social, a exemplo do Maciel, Julião, Preguiça e Misericórdia, zonas caracterizadas como o de puteiro ostensivo; enquanto que a Ladeira da Montanha, Gameleira e Ladeira da Conceição, caracterizavam-se por uma prostituição mais discreta, formada por unidades isoladas, predominando as boates e castelos (ESPINHEIRA, 1971, p. 13).

Em seguida, veremos, a partir da contextualização de cada local de prostituição, quais são na atualidade os pontos de prostituição no Centro Histórico. Houve deslocamentos de alguns pontos, sendo, por exemplo, não mais o Maciel como ponto central, mas a Praça da Sé e outros pontos. Na atualidade, ainda existem mulheres e familiares residindo em muitos dos casarões que se concentram nesta região. A partir desta contextualização podemos seguir descrevendo os elementos presentes nesta pesquisa.

E assim, descortinando mundos, ladeirando, orlando, circulando pelas ruas se conhece e reconhece os lugares de encontro e desencontro, os lugares de prazeres e fantasias, os lugares de violência e curtição. Descortinando e desnudando fui percebendo ao longo da pesquisa que ainda que pensasse já conhecer estes lugares, na verdade ainda havia muito por conhecer e reconhecer. Foi assim que ao descer a Ladeira da Montanha após os desabamentos que marcaram a cidade de Salvador durante os meses de maio e julho de 2015 pude ver desde outro lugar aqueles antigos casarões, alguns deles agora demolidos e sendo reconstruídos. Em meio aos destroços, minha interlocutora contava histórias de um tempo já ido, mas ainda muito vivo e presente. Descendo as escadas ela me mostrava onde se localizavam os quartos e como as coisas eram “naquele tempo”.



Figura 1: Da janela pode-se ver a Baía de Todos os Santos. Interior do Bar 73 na Ladeira da Montanha, após o período de desabamentos em decorrência das chuvas em maio de 2015. Fotografia de Fernanda Priscila Alves.

A partir destas memórias contadas pelas mulheres, de suas lembranças e narrativas que se pretende, neste texto, conhecer um pouco mais deste contexto, de suas formas e peculiaridades: aproximar-se, portanto, deste lugar que é a prostituição de rua e de baixa renda, uma prostituição exercida em Ladeira, na Orla, em bares. Se aproximar destes *espaços-lugares* percorridos durante e antes desta pesquisa, lugares inquietantes e desconcertantes.

A prostituição, com seus diversos mundos, é multiforme e complexa, compreendendo diversos tipos de atores e desenrolando-se em múltiplos contextos. No exercício da prostituição, há mulheres no, homens, travestis; com idades diversas, regiões diferentes, nacionalidades distintas, gostos, preferências. As condições de trabalho também são distintas. Estar na Praça da Sé ou na

Orla marca diferenças específicas, ainda que em ambos os lugares a prostituição seja de rua. Batalhar em um bar cujo gerente é homem ou mulher também marca sua diferença, “esconder-se” em um cine privê para não ser vista ou reconhecida também aponta sua especificidade.

O tipo de trabalho realizado neste contexto é também variável. Existem acompanhantes, garotas de programa, *strip teasers*, prostitutas ou prostitutos de rua, profissionais do sexo. Nestes contextos, cada grupo especificamente ainda que estejam na rua se atribuem uma forma própria de se nomear. Na Orla, escutava as mulheres se denominarem como garotas de *programa* já na Praça da Sé escutei as expressões prostituta, puta e muitas vezes uma negação em utilizar qualquer uma destas denominações. Uma expressão muito comum na Praça da Sé era o de mulher da *batalha*. Em diversas ocasiões escutei as mulheres afirmarem: “*tô na batalha*”. Esta expressão vem muitas vezes acompanhada do “ser

guerreira” e se reconhecer como tal. Estar na *batalha* significa estar na luta, trabalhando, ganhando o “pão de cada dia”.

Em uma pesquisa realizada por Filho (1996), o autor reflete sobre o circuito do turismo sexual em Salvador. A partir deste cenário, se refere a lugares, eventos e agentes que movimentam o comércio do sexo na cidade. O público preferencial de sua pesquisa foi os estrangeiros e “gringos¹” mostrando como estes chegam à cidade em busca de diversão com as mulheres “nativas” e mulheres pobres com idade entre 18 e 28 anos, residentes em regiões de baixa renda. A partir de então, Filho (1996) se questiona sobre a organização desse mercado, sobre quem são os principais atores que compõem este cenário, quem são os frequentadores, os turistas, os agentes. Referindo-se à cidade de Salvador, Filho dialoga:

A cidade de Salvador e sua Região Metropolitana (RMS) possuem vários pontos de atração turística e alguns deles se destacam como os preferidos pelos visitantes estrangeiros. [...] Salvador é conhecida, também, como a cidade onde “todo dia é dia de festa”. Exageros a parte, alguns eventos, além do carnaval, tornam bastante peculiar a noção de lazer para os soteropolitanos- a terça da benção, por exemplo, é uma festa fixa que ocorre todas as semanas no centro Histórico, atraindo um grande número de nativos e turistas (FILHO, 1996, p. 52-53).

Assim como em outros contextos, na prostituição de rua e de baixa renda existe uma forma de organização, dinâmicas, práticas, saberes construídos, relações de gênero e poder que vão construindo a rede deste que é o negócio do sexo. Piscitelli (2005) pontua que o sexo comercial tem dado lugar a uma verdadeira indústria sendo infinita a lista de trabalhos sexuais que são desempenhados em bordeis, bares, discos, saunas, linhas telefônicas, casas de massagem, serviços de acompanhantes, hotéis, motéis, cines e prostituição de rua.

Locais de Batalha em Salvador: peculiaridades e movimentos

*Subindo as escadas... Olhares... Curiosidade.
Subindo as escadas. Cheiros. Música intensa.
No canto, um encontro. Do canto, possibilidades.
Descendo as escadas. Intensidade.
Descendo as escadas. Surpresa. Complexidade.
Fernanda Priscila Alves da Silva*

Os pontos ou locais de *batalha* em Salvador – principalmente aqueles que foram os lugares de contatos e aproximação nesta pesquisa – são locais de interação e socialização das

¹ Gringo aqui é entendido, segundo relatos das mulheres, como pessoas estrangeiras que estão circulando e fazendo turismo na cidade.

mulheres, lugares onde elas passam a maior parte do tempo em que se encontram no exercício da prostituição: Ladeira da Montanha, Largo do Tanque, Ladeira da Conceição, Praça da Sé, Calçada, Comércio, Carlos Gomes e a Orla de Patamares.

Para Pasini (2000),

O ponto de prostituição é o local privilegiado de sociabilidade. Principalmente porque, enquanto elas estão nos pontos, realizam mais do que negociações com os clientes. Neste espaço elas conversam sobre seus problemas, trocam experiências e ajudas, aconselham-se, enfim, interagem. Essa reunião de mulheres é um modo de formar laços, de estar com os outros, de formar grupos através da sociabilidade (PASINI, 2000, p. 42).

Em Salvador, são diversos os pontos de prostituição, assim como são diversas suas formas e modos de organização. Dentre os vários locais de abordagem (Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Comércio, Calçada, Orla de Patamares, Largo do tanque) dos quais tive acesso durante o período que estive atuando no PFF² encontram-se: Praça de Sé, Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Taboão, Rua Chile, Barroquinha, Gameleira, Carlos Gomes, além da Orla, principalmente o bairro Patamares e mais recentemente Itapuã. No Largo do Tanque, o PFF iniciou sua aproximação em 2014, além de outros bares na região do Subúrbio.

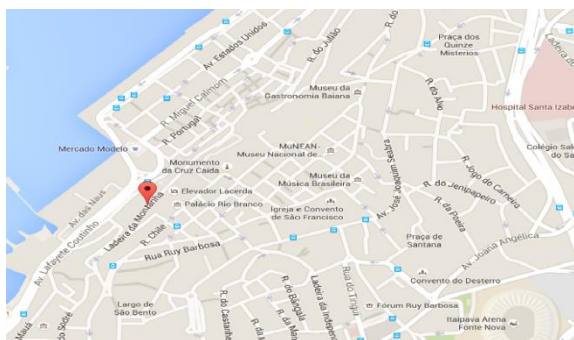
Nesta pesquisa, a concentração foi dada a região do Centro Histórico, principalmente a Praça da Sé e Barroquinha. Foram realizadas visitas aos bares da Ladeira da Montanha e Conceição, além dos bares do Comércio. Entretanto, vale ressaltar que Ladeira da Montanha e Conceição já vinha sofrendo um processo de decadência há alguns anos e com as chuvas no período de maio e julho de 2015 alguns casarões acabaram por desabar totalmente.

A abordagem acerca destes lugares – territórios nos remetem a pensar sobre o significado destes espaços para as pessoas que nele circulam. Neste sentido, Santos (2012) demonstra que o território não é apenas um conjunto de sistemas criado pelas pessoas. Antes, o “território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base de trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (Santos, 2012, p.96).

Ladeira da Montanha

² Projeto Força Feminina: Projeto do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Mais informações: www.oblatas.org.br

Figura 2: Localização da Ladeira da Montanha e região



Fonte: Google Maps (2015)

Em uma das visitas realizadas, com a companhia de uma das interlocutoras da pesquisa à Ladeira da Montanha, foi possível rever o interior destes casarões totalmente destruídos. Enquanto observávamos os movimentos de operários na construção, minha interlocutora recordava o tempo em que a Ladeira da Montanha era marcada por um glamour. Para explicitar segue o que escrevi no Diário de Campo neste dia:

Ao chegar a Ladeira da Montanha pudemos perceber alguns homens trabalhando nas construções. O primeiro bar, que eu já conhecia e chamávamos de Bar de Midi, estava totalmente vazio e sem teto, em processo de demolição. Minha informante fez questão de lembrar que este era o antigo Bar 73, onde ela iniciara sua vida na batalha. Continuamos a descer a Ladeira e ao passar no de frente ao espaço vazio onde era o bar que ela ficava antes do desabamento pediu-me para bater uma foto e o interessante é que quando estávamos no início da Ladeira da Montanha ela me disse: **“nossa, quando chego aqui me transformo, viro puta mesmo”**, e aí agora diante dos trabalhadores da obra ela falava alto dizendo: “pois derrubaram meu brega, já trabalhei muito aqui”. Se por um lado em alguns momentos ela diz que não gosta de ser reconhecida como prostituta por outro como neste momento ela afirmava que ali já feito muitos programas. Continuamos a descer a Ladeira até chegar ao Bar 51. Este era conhecido por nós no Projeto como Bar de D. Carmem, mas minha informante me disse que seu nome era 51. Na porta se encontrava a atual proprietária do espaço, totalmente precário. Pedimos permissão para entrar e o que se percebe é uma decadência enorme. Do lado existe um corredor pequeno e estreito. Minha informante mostrou-me o espaço, mas havia três homens usando drogas neste espaço. Em pouco tempo uma mulher subiu as escadas. Acabava de realizar um programa. A situação era precária e até mesmo minha informante disse quando descíamos o restante da Ladeira: Como pode ter mulher que ainda faz vida aí? Seguimos descendo a Ladeira e encontramos alguns sacizeiros além de um homem chamado pela minha informante de cigano. (Diário de Campo, 14 de julho de 2015.)

A Ladeira da Montanha é conhecida em Salvador como uma das zonas mais sofisticadas da cidade em termos de privilégio de vista para a Baía de Todos os Santos. Entretanto, a fama de local de prostituição vem das primeiras décadas do século XX, quando os bordéis e as casas noturnas recebiam homens de prestígio. O local é até hoje marcado por este signo.



Figura 3 e 4: Descida e subida da Ladeira da Montanha. Arquivo Pessoal

Na atualidade, o abandono, acompanhado da presença de “sacizeiros”³, roubos, marcam o local. Em pesquisa realizada pelo PFF em 2008, este dado do abandono no local já a aparecia.

A cada dia, a cada fechamento, incêndio ou desabamento de casarões, a cada morte por brigas, a cada carro que passa, a cada sorriso e lágrimas das mulheres fica mais evidente a aproximação de uma transformação do local (Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina, 2008).

Naquele dia em que descíamos a Ladeira da Montanha além de visualizar este abandono e escutar minha informante falar do tempo glamoroso da Ladeira foi possível observar um vazio presente nos casarões demolidos, nas poucas pessoas que transitam no espaço, além de muita sujeira e miséria. Mesmo diante deste quadro, o bar 51 insiste em funcionar:

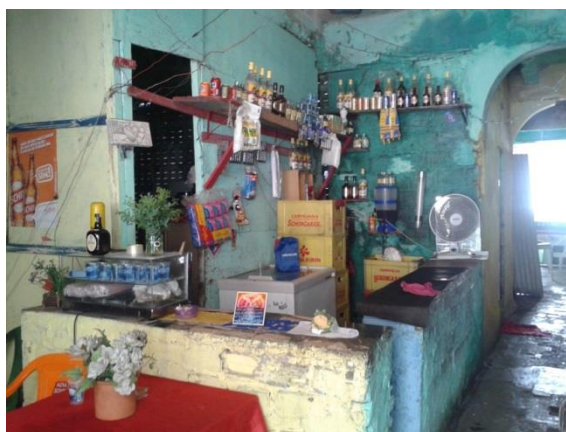


Figura 5: Interior do Bar 51. Fotografia de Fernanda Priscila Alves

³ Aqueles que são usuários de drogas ilícitas, como crack e cocaína.

Na década de 1980, a Ladeira da Montanha era considerada o ponto que interligava a cidade baixa e a cidade alta. As vias de acesso eram auxiliadas pelo elevador Lacerda. Antes a ligação era feita pela Ladeira da Misericórdia e a Ladeira da Conceição da Praia.

Em 1878, a Assembleia Legislativa autoriza o início das obras e o engenheiro militar Fransisco Pereira de Aguiar, o mesmo que fez o Forte de São Marcelo, desenha seu plano de execução. O orçamento era estimado em 120 contos de réis e sua inauguração se deu em 1881, com um valor final de 200 contos de réis, 70 % a mais do que o estimado, mobilizando cerca de 500 homens: nascia ali a Rua Barão Homem de Mello, a Ladeira da Montanha ou, simplesmente Montanha (Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina, 2008, p. 18).

Em um levantamento feito pelo PFF em 2012-2013 para um diagnóstico da realidade se verificou que a Ladeira da Montanha já passava por um processo de decadência. Neste período o PFF visitava três bares denominados por: Bar de Midi (Bar 73), Bar de Dalva e Bar de D. Carmem (Bar 51). Atualmente, entretanto o Bar 73 e o Bar de Dalva foram demolidos. Na foto abaixo podemos visualizar o estado destes bares. Em um deles visualizamos as escadas que levavam em direção aos quartos onde eram realizados os programas.



Figura 6: Escadas do Bar 73. Fotografia de Fernanda Priscila



Figura 7: Local onde se localizava o Bar de Dalva. Fotografia de Fernanda Priscila

Praça da Sé

“É melhor pra mim. Lugar fechado não dá certo. Os homens não me olham. Meu negócio é na rua... porque é muita gente, tem mais população, tem mais gente. Tem mais vantagens. Tem mais gente circulando. Lá dentro é muita mulher. Ai chega o homem pra escolher, tem quatro, cinco, seis mulher... e aqui não. Tem vários homens. Tem varias pessoas que passam. Tem muita mulher, mas tem vários homens.” (Carla)

A Praça da Sé certamente é o ponto com o maior número de mulheres presentes e por este motivo foi privilegiado nesta pesquisa. Diferente da Ladeira da Montanha, onde as mulheres geralmente sob a gerência de uma “Dona”, pagam uma taxa para uso do quarto e ficam durante todo o dia, na Praça da Sé o ponto que as mulheres ficam é a rua, o que se caracteriza de modo evidente como prostituição de rua. De acordo com a pesquisa feita pelo PFF em 2008, 65 % das mulheres que frequentavam o PFF vinham da Praça da Sé.



Figura 8: Praça da Sé. Fotografia de Fernanda Priscila Alves.

A Praça da Sé é ponto um ponto de grande circulação e movimento. Para se chegar ao Pelourinho se passa pela Praça da Sé. Para quem vem da cidade baixa ou na Avenida Carlos Gomes e Avenida Sete, após passar pelo Elevador Lacerda se passa pela Praça da Sé. Vários vendedores, “guias”, baianas de acarajé ficam neste ponto. Vindo do Elevador Lacerda, à esquerda temos a praça da Cruz Caída, do lado direito o antigo Cine Excelsior. O Palácio Arquiepiscopal, a Coelba. À esquerda temos várias lojas de som, roupas, restaurantes e pequenas ruas que dão acesso às ruas menos movimentadas. Em uma destas, está a Rua Saldanha da Gama, onde se localiza o PFF e outras pequenas ruas que atualmente se tem um grande número de pessoas que fazem o uso de drogas.

A Praça da Sé, ponto de passagem de todos que querem ir ao Pelourinho é certamente um ponto que representa diversos pontos. Na diversidade de gente que circula neste lugar, pessoas curiosas, turistas, transeuntes... Na diversidade de gente que permanece cotidianamente neste espaço: mulheres, crianças, vendedores, policiaes, donos de lojas e estabelecimentos, a vida se inventa a todo momento [...]A Praça é um ponto intenso de circulação de pessoas que transitam no Centro

Histórico. Para chegar ao Pelourinho as pessoas devem passar pela Praça da Sé. O que muitas pessoas não percebem é que nestes bancos encontram-se muitas mulheres da batalha e possíveis clientes. Na verdade, esta é uma percepção de quem não conhece o ponto e é um relato constante de muitas pessoas que até mesmo são soteropolitanos. No entanto, para quem circula neste ambiente cotidianamente sabe que o cenário se mistura e que este é um lugar diverso. Diário de Campo, 07 de julho de 2015.

No século XVI, a Sé era conhecida como o primeiro bairro da cidade de Salvador. A Praça Municipal fora construída neste espaço, pois naquela época o Governador Geral Tomé de Souza se preocupava com ataques dos indígenas e invasores franceses vindos do mar. Em 1549, foi construída a primeira Igreja da Sé. Em 1765, a Sé perde a condição de Catedral com o discurso de se encontrava deteriorada, passando agora a ser, no século XX, a Linha do Bonde.

A partir da década de 1950, a Praça da Sé sofre uma série de transformações em função da chamada evolução ou crescimento da urbe. A cidade de Salvador crescia em direção a Vitória e Barra, um surto de cólera que assolou o centro da cidade no final do século XIX acelerou ainda mais a fuga da classe dominante deste sítio. Assim, a partir deste momento histórico, pode-se dizer que o Centro Histórico de Salvador já se constituía em comércios e moradias populares, zona de boemia e meretrício. A Linha do Bonde transformou toda a Praça da Piedade em um terminal de transporte, influenciando no fluxo de pessoas ao local. Mas, como “a cidade não para”, o sítio sofreu uma segunda transformação com a decadência dos Bondes e o início da circulação dos ônibus no local. Na década de 1970 a Praça da Sé vira então Terminal de ônibus (Diagnóstico da realidade das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina, 2009).

Sobre esta realidade Luci nos conta como era a organização da prostituição neste período e posteriormente, antes da nova reestruturação da Praça da Sé:

Luci: Antes era bom demais. Nesse tempo era bom. Tinha um bocado de coroa aqui que ajudava mesmo. Pagava lanche. Ô tempo bom, tempo bom danado. Eu andava ali naquele expresso, café expresso. Ali era café expresso (apontando para uma das lojas). Cada um pegava seu cliente e ia para onde queria. A gente pegava cliente aqui na Praça da Sé, na Piedade, eu tinha cliente bom. A gente ficava tomando cerveja, comendo tira gosto. Esse cliente me ajudava direto. Depois ele morreu (...) Rapaz, aqui não tinha esses banco não, era só ponto de ônibus, aqui dava dinheiro, uns bocado de coroa, pagava lanche, a gente fica aqui nos ponto de ônibus. De lá pra cá que piorou né. O movimento caiu. Chegou um bocado de menina roubando, tem muitas que roubam, usa drogas nas cervejas dos cara, ai ficou defasada a Praça (...) Os programa fazia nos hotel mesmo ai, fazia no Ibiza, que no Ibiza hoje é mais caro né.

Luci refere-se a este tempo como um tempo bom. Neste momento, as mulheres já ficavam na Praça da Sé e realizavam os programas nos hotéis do entorno. Na atualidade, muitas mulheres ficam na Praça e continuam realizando programas nos hotéis do entorno.

Comércio

O Comércio também é composto por bares de prostituição, principalmente próximos ao Elevador Lacerda. Estes bares têm estruturas parecidas com a de outros bares de prostituição de baixa renda na cidade de Salvador. O que caracteriza esta região é o grande movimento de turistas e pessoas circulando, além de pontos de ônibus, proximidade com o Mercado Modelo e com os navios que chegam constantemente.



Figura 5: Bar Damasco no Comércio. Fotografia: Fernanda Priscila Alves

Largo do Tanque

O Largo do Tanque foi incorporado à pesquisa mais recentemente, em 2013, a partir da atuação no PFF e durante a pesquisa esta aproximação se realizou por meio de visitas ao local. A estrutura do bar é parecida com as de outros bares. O que chama atenção, entretanto é o horário de funcionamento que é diferente da Ladeira da Montanha, Conceição e Praça da Sé onde a realização dos programas ocorre no turno diurno, no bar do Largo do Tanque o funcionamento se restringe ao turno noturno. O espaço é aberto por volta das 19 hs e finda por volta de 23 hs ou mais tarde. Um trecho do Diário de campo na visita feita ao bar apresenta o contexto desta região.

O bar fica no segundo andar de um prédio que se localiza na Avenida San Martin, no Largo do Tanque. A sua porta de entrada fica em frente um ponto de ônibus e a loja do primeiro andar é de uma farmácia. O bairro é bastante movimentado, na verdade, a localização do bar está em meio a uma área comercial de grande fluxo e movimento de pessoas. Existem lojas de cosméticos, bancos, padaria, lanchonetes, bares, feira onde se vendem frutas e verduras. Além do Largo do Tanque ser um ponto que pode levar a vários destinos na cidade de Salvador, tendo saída e integração com diversos bairros: São Caetano, Suburbana, Sieiro, Liberdade. Após

subir as escadas, há um corredor com duas portas. Ao entrar pela primeira porta e virar a direita nos deparamos com uma máquina de música e mais adiante uma sala interna com grades, onde ficam as bebidas e lanches. Neste espaço, se encontram os donos do bar, um casal: (...) e (...). A visita do projeto neste espaço é aceita de forma tranquila pelos donos do estabelecimento. Nesta sala, a dona é a responsável por receber o dinheiro, servir as bebidas e lanches. O esposo por sua vez, circula pelo bar e em alguns momentos fica no interior desta sala junto da esposa. Além, dos donos, há um gerente do bar, que é responsável por receber o dinheiro dos quartos e controlar o movimento de entrada e saída dos mesmos, e um garçom, que segundo as mulheres “é muito gaiato”, pois aproveita o momento que tem de servir as mesas e “passa mão” nas mulheres. A segunda porta de acesso do corredor leva a um espaço mais no fundo do bar onde se localiza os quartos para realização dos programas. O salão é grande, contendo pequenos espaços subdivididos onde ficam mesas. Os clientes que frequentam o bar são trabalhadores advindos da classe popular, muitos chegam ao espaço ainda com uniformes e outros se vestem com bermudas e se encontram de chinelos. Alguns vêm ao espaço após o expediente de trabalho. Chegam, escolhem uma mesa e consomem bebidas alcoólicas. Na medida em que sentam algumas mulheres se aproximam ou então eles sentam junto a mulheres que se encontram em uma das mesas. O consumo e pagamento das bebidas é de responsabilidade dos clientes, desse modo, quando convidam algumas das mulheres para lhes acompanhar é de sua responsabilidade o pagamento. De outro lado, durante muitas visitas que fiz anteriormente e ainda neste dia presenciei mulheres pedirem para que os clientes lhes pagassem alguma bebida antes mesmo que eles oferecessem. Alguns clientes, entretanto, preferem ficar só apenas bebendo e ouvindo as músicas. Em relação às músicas em sua maioria são: forró, brega, sendo que nestes tempos tem sido intensa a música de tipo “sofrência”. Próximo a entrada dos quartos, como espaço é maior algumas mulheres dançam sozinhas ou com algum dos clientes (Diário de Campo, 18 de junho de 2015).

O ponto deste bar localizado no Largo do Tanque é extremamente estratégico por permitir o acesso de pessoas que vem de várias regiões de Salvador. Muitos dos clientes que frequentam estes espaços vêm de seus trabalhos, ou seja, trabalham no entorno e antes de seguirem para suas casas passam pelo espaço. As mulheres presentes no ambiente também vêm de várias regiões. Algumas mulheres inclusive realizam programas em outras regiões como é o caso de algumas mulheres que também batalham na Ladeira da Conceição. Em outros casos, existem mulheres que batalham somente neste bar afirmando considerar um espaço reservado e distante de suas unidades domiciliares.

Orla de patamares

Este ponto se localiza em um bairro da orla marítima de Salvador, localizando-se entre as avenidas Octávio Mangabeira e Luiz Viana Filho (Paralela), ao lado do Parque Pituáçu. Segundo um levantamento feito pelo PFF em 2012, a prostituição neste espaço acontece predominantemente à noite. Entretanto, em minha inserção, estive com as mulheres em horários diurnos, o que também aconteceu em momentos de abordagens da equipe do PFF.

Neste ponto, diferente da Praça da Sé, onde as mulheres realizam programas nos hotéis próximos da Praça e a aproximação se dá na medida em que estabelecem relação com possíveis clientes que circulam pela Praça, ou ainda em relação à Ladeira da Montanha, Comércio, Largo do tanque onde as mulheres se encontram em bares, na Orla as mulheres ficam em grupo paradas em alguns pontos específicos: em frente a restaurantes, postos de gasolina, orla. Estando nestes pontos os clientes se aproximam em seus carros e chamam a mulher que lhes “interessa”. Com a aproximação acontece uma combinação de preços, serviços e valores. Linda me conta em entrevista como é a dinâmica neste ponto.

Fernanda: Me fale um pouquinho da Orla, dos programas aqui...

Linda: Conversando com as meninas lá do projeto no pelourinho, elas: ah, mas a gente faz programa de R\$30,00. Aqui não. Aqui a gente tem assim uma tabela. Meia hora normal R\$70,00, e é assim ó, se um parar pra você, você dá o preço e pra outra a outra dá o mesmo preço. Se não der a gente briga.

Fernanda: E o que é o normal?

Linda: É o oral e o vaginal. Mas se for com anal, R\$100,00, meia hora. Se passar de meia hora ai paga outro programa. E aqui a gente tem isso. Sempre tem os grupinhos, você sabe o grupo, é eu fulana, cicrana. Então a gente faz assim, a gente combina o preço. Porque fica chato você cobrar R\$100,00, ai a outra sai por R\$50,00. Claro que ele vai sair por R\$50,00. Então você tá prejudicando a sua colega. Aqui a gente tem muito isso. E aqui a gente ajuda muito a outra. A gente pede cliente pra levar a outra, sempre pedindo pra levar as duas. Nesse caso assim a gente é bem unida.

“Aqui a gente tem isso [...] Aqui a gente é bem unida”. Esta expressão aponta um elemento fundamental na prática da prostituição e em sua forma de organização: a ética de trabalho que envolve relações entre as mulheres, regras internas que são estabelecidas, segurança e garantia que o trabalho será bem realizado. Tal ética é construída pelas mulheres no espaço de *batalha* e/ou ponto de prostituição demarca as características desta prática, os modos de socialização/ organização e fluxos. De modo geral, existem algumas regras, poderíamos assim dizer, que perpassam e apresentam semelhanças comuns nesta prática, como por exemplo: receber o pagamento com antecedência, estabelecer um tempo para realização do *programa*, definir quais práticas serão realizadas e qual o valor, uso de preservativos. Por outro lado, cada local e cada grupo específico irá definir suas próprias regras de acordo com uma série de fatores internos e externos daquele contexto. Tais regras definem a ética daquele grupo e local. Importante considerar que não se trata de algo universal e único, mas por tratar-se da prostituição, estamos falando em heterogeneidades e diferenças. Nesta pesquisa estamos demarcando estas diferenças a partir dos contextos citados anteriormente.

Considerações Finais

O presente texto teve o intuito de apresentar alguns elementos de uma observação etnográfica, entendendo-a aqui como uma ferramenta de análise que pode contribuir no processo de entendimento do contexto da prostituição em Salvador Bahia. Para Rocha e Eckert (2003, p. 02),

Descrever a cidade, sob um tal ponto de vista, é conhecê-la como locus de interações sociais e trajetórias singulares de grupos e indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende. Conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade.

Na tentativa de se fazer um ensaio de uma observação etnográfica se buscou reconhecer as transições, movimentos e circulações que ocorrem neste contexto a partir dos locais e pontos de prostituição. No primeiro momento, fizemos uma contextualização a partir da história e geografia da cidade de Salvador e no segundo momento a partir dos locais de batalha na atualidade visualizando suas peculiaridades, modos e formas de organização.

Olhar e observar este cenário tem nos permitido reconhecer as pessoas, o ambiente, as construções sociais, culturais políticas de um fazer que se localiza ora no espaço da rua, ora nos espaços de bares. Estes nos têm apontado interações e transições que ora se movimentam de acordo com as transformações geográficas, ora se transformam por meio das intervenções das pessoas que nele se localizam. Em se tratando da *batalha*, as mulheres têm feito deste espaço seu *lôcus* de socialização, trabalho, relações pessoais e interpessoais, além da construção uma ética que lhes permite delimitar espaços (espaciais/corporais) e fronteiras de enfrentamentos, lutas e empoderamento.

Embora o texto em questão seja uma breve descrição do contexto da prostituição em Salvador, há dados importantes na pesquisa que revelam práticas educativas, dinâmicas de sociabilidade, modos de organização das mulheres que exercem a prostituição no Centro de Salvador. Enquanto observação etnográfica é possível afirmar a importância de “estar em campo” e buscar captar os ritmos da vida que surge deste cenário.

Tornar-se um com os ritmos urbanos é perder-se no meio da multidão, deixar-se possuir por alguma esquina, fundir-se nos encontros fortuitos, mas é também localizar-se nas conversas rápidas dos habitantes locais, registrar piscadelas descompromissadas dos passantes, rabiscar apressadamente um desenho destas

experiências no seu bloco de notas, tirar fotos, gravar algumas cenas “estando lá” (ROCHA e ECKERT, 2013, p. 23).

Por outro lado, de modo mais amplo, a presente pesquisa tem pretendido verificar por meio das narrativas e trajetórias das mulheres os processos de socialização e construção de aprendizados e saberes a partir desta prática. Alguns temas têm norteado as discussões da pesquisa: trajetórias de vida, escolarização e socialização das mulheres, processos de inserção e permanência na batalha, relações de gênero, corpo e projetos de vida. Desse modo, poderíamos definir em quatro eixos centrais que ao longo desta pesquisa têm surgido como fios que aos poucos têm se entrelaçado:

1) Socialização e/ou dinâmicas de socializadoras: envolvem os processos de escolarização das mulheres e outras interações sociais (círculos familiares, amizades, relações do âmbito do trabalho). Neste caso, a educação é entendida como forma e lugar de constituição de sujeitos.

2) Prostituição e/ou *batalha*: Nesta pesquisa o que se tem apontado, a partir das narrativas, é que a prática da prostituição extrapola o que se tem entendido como prestação de serviços sexuais por meio de trocas (dinheiro e outras formas), antes a *batalha*, como temos nomeado esta prática a partir deste contexto, tem sido de fato um campo de *batalha* que tanto significa e dá sentido ao fazer/agir/sentir destas que são de fato “mulheres da batalha”, na perspectiva da prática da prostituição, quanto as qualifica como pessoas que estão em constante batalha e são, portanto, marcadas pela ousadia, transgressão e força de luta e vida.

3) Trabalho: *batalha* e “guia” – Por trabalho se entende todas as formas de garantia de sustentabilidade criadas e recriadas pelas mulheres na prática da prostituição e outros formas de trabalho. Este tem sido para as mulheres o lugar de construção de si, de autodeterminação, agenciamento e empoderamento.

4) Corporalidade: neste campo tem se verificado como surgem as vivências que perpassam a corporeidade das mulheres, a construção de si enquanto meninas e mulheres, os processos de violações de direitos, as construções das relações de gênero sejam na prática da prostituição, seja no ambiente familiar, processos de cuidado consigo mesmas no que tange à saúde, higiene e prevenção.

Referências Bibliográficas

Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina. Um olhar a respeito da prostituição. Salvador, 2008.

ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e prostituição:** uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1984.

ESPINHEIRA, Gey. **Comunidade do Maciel:** do Patrimônio artístico e cultural da Bahia, 1971.

FILHO, Antônio Jonas Dias. **As mulatas que não estão no mapa.** Cadernos Pagu (6-7), 1996, p. 51-66).

PASINI, Elisiane. **“Corpos em evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos:** a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo. Dissertação de Mestrado Antropologia. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

PASINI, Elisiane. **Limites simbólicos corporais na prostituição feminina.** In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena (orgs). Corporificando gênero. Cadernos Pagu (14), 2000, p. 181-2000.

PISCITELLI, Adriana. **Apresentação:** gênero no mercado do sexo. Campinas: Cadernos Pagu, jul/dez 2005, v.25, p. 7-23.

PISCITELLI, Adriana (Org.). **Mercado do Sexo.** Cadernos Pagu (25) julho-dezembro de 2005. Universidade Estadual de Campinas.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos:** brasileiras nos mercados do sexo transacionais do sexo. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Proposta de acompanhamento às mulheres em situação de prostituição. São Paulo: Editora Nelpa, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de Rua:** estudo de antropologia urbana. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS, v. 4, n. 7, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia (Org.). **Etnografia de Rua:** Estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. **Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição:** processos pedagógicos e transformação social. São Bernardo do Campo, Nhanduti Editora, 2012.